

CIENCIAS HUMANAS:

POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

Edwaldo Costa
Suélen Keiko Hara Takahama
(Organizadores)

2



CIENCIAS HUMANAS:

POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

Edwaldo Costa
Suélien Keiko Hara Takahama
(Organizadores)

2



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Ciências humanas: política de diálogo y colaboración 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Edwaldo Costa
Suélen Keiko Hara Takahama

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências humanas: política de diálogo y colaboración 2 / Organizadores Edwaldo Costa, Suélen Keiko Hara Takahama. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0242-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.428222405>

1. Ciências humanas. I. Costa, Edwaldo (Organizador).
II. Takahama, Suélen Keiko Hara (Organizadora). III. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Este eBook 2 hace una mirada a las Ciencias humanas, más específicamente a la política de diálogo y colaboración. El libro electrónico explora cuestiones epistemológicas y metodológicas sobre la investigación en Ciencias humanas a partir de las propuestas de convergencia y superposición de temas y metodologías que se advierten cada vez más en la literatura actual, tanto por parte de investigadores en el campo de la Educación como de las ciencias sociales y humanas.

La interdisciplinariedad es cada vez más necesaria. Es un requisito epistemológico, porque los objetos que queremos comprender no se restringen a los límites establecidos por las disciplinas. Es un requisito pragmático por excelencia, ya que la naturaleza de muchos problemas que queremos comprender requiere la colaboración de expertos de una amplia variedad de formaciones académicas.

Ésta obra consta de 18 artículos que tienen como objetivo comprender los contornos que las Ciencias Humanas y sus componentes establecen entre sí y con otros tejidos sociales. Es, por tanto, una necesaria actitud crítica frente al campo en toda su complejidad, para apuntar a sus reconfiguraciones, discusiones y los sentidos que los hechos educativos y otros producen en la contemporaneidad.

Los autores abordan a historia de interiorización de migrantes y refugiados venezolanos en Brasil (2017-2022), antisemitismo e islamofobia durante las primeras décadas del siglo XXI, desafíos de la democracia, experiencias en la asignatura antropología de la educación, blended learning na educação básica e superior, alimentación infantil, el metodo pictográfico para la educación inclusiva, uso de las TIC para elevar el rendimiento escolar, rol del tutor en el desarrollo de habilidades cognitivas, efectos de la Pandemia por el Covid-19 en la innovación educativa, actividad inhibitoria de vaccinium macrocarpon, dimensión euclidiana en biopelículas de escherichia coli CJ-10, compresión de imágenes médicas, el yoga en el aula de anatomia y datos de entrada para clasificación de materiales reciclables por medio de una red neuronal.

Uno de los objetivos de este segundo e-book es seguir proponiendo análisis y reflexiones desde diferentes puntos de vista: científico, educativo, social. Como toda obra colectiva, ésta también necesita ser leída teniendo en cuenta la diversidad y riqueza específica de cada investigador.

Finalmente, se espera que con la diversa composición de autores, temas, asuntos, problemas, puntos de vista, este libro electrónico ofrezca un aporte plural y significativo.

Edwaldo Costa
Suélen Keiko Hara Takahama

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A INTERIORIZAÇÃO DE MIGRANTES E REFUGIADOS VENEZUELANOS NO BRASIL (2017-2022)


Edwaldo Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4282224051>

CAPÍTULO 2..... 24

ANTISEMITISMO E ISLAMOFOBIA DURANTE LAS PRIMERAS DÉCADAS DEL SIGLO XXI. VISIONES DESDE EL CONO SUR AMERICANO

Isaac Caro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4282224052>

CAPÍTULO 3..... 31

DESAFÍOS DE LA DEMOCRACIA: LA VIDA ACTIVA Y EL EJERCICIO DE UNA CIUDADANÍA PLURAL


María Elena Cruz Artieda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4282224053>

CAPÍTULO 4..... 38

LA COMPLEJA CONDICIÓN HUMANA. EXPERIENCIAS EN LA ASIGNATURA ANTROPOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN

Iván Isaac Caldas Figuerola

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4282224054>

CAPÍTULO 5..... 49

BLENDED LEARNING NA EDUCAÇÃO BÁSICA E SUPERIOR: PROCESSO E ESTRATÉGIAS DE ADOÇÃO INSTITUCIONAL

Mario Vásquez Astudillo

Sheila de Oliveira Goulart


Vanessa dos Santos Nogueira

Fabiane da Rosa Dominguez

Elizete de Fátima Veiga da Conceição

Mara Regina Rosa Radaelli


Elionai de Moraes Postiglione

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4282224055>

CAPÍTULO 6..... 61

ALIMENTACIÓN INFANTIL EN EL NOROESTE DE MÉXICO, UNA APROXIMACIÓN AL ÁMBITO ESCOLAR Y FAMILIAR

Priscila Juárez Ramos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4282224056>

CAPÍTULO 7..... 73

EL METODO PICTOGRÁFICO PARA LA EDUCACIÓN INCLUSIVA Y LA PARTICIPACIÓN

SOCIAL


Ana Rosa Pérez Mendoza
Jozik Andrea Ospino Pérez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4282224057>

CAPÍTULO 8..... 80

USO DE TIC PARA ELEVAR RENDIMIENTO ESCOLAR APLICANDO ESTRATEGIA DIDÁCTICA DE FÍSICA: UN ANÁLISIS COMPARATIVO


Mayté Cadena González
María Alejandra Sarmiento Bojórquez
Juan Fernando Casanova Rosado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4282224058>

CAPÍTULO 9..... 91

ROL DEL TUTOR EN EL DESARROLLO DE HABILIDADES COGNITIVAS EN ALUMNOS CON DISCAPACIDAD


Milagros Murillo Benavides

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4282224059>

CAPÍTULO 10..... 103

EFFECTOS DE LA PANDEMIA POR EL COVID-19 EN LA INNOVACIÓN EDUCATIVA Y LA PERCEPCIÓN DE LOS ESTUDIANTES EN LA UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE CHIHUAHUA

José Roberto Espinoza Prieto
Daniel Díaz Plascencia
Omar Giner Chávez
Yair Palma Rosas
Juliana Juárez Moya

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.42822240510>

CAPÍTULO 11..... 111

ACTIVIDAD INHIBITORIA DE *Vaccinium macrocarpon* SOBRE LA FASE PLANCTÓNICA Y BIOPELICULAR DE *Escherichia coli* CJ-10

Adalberto Villegas
María Parra
Adriana Valero
Marxel Bastidas
Carlos Sierra
Laura Antequera
Francelys Fernández
Ángel Parra
María Alvarado
Carla Lossada
Anselmo Ledesma
Aleivi Pérez
Lenin González

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.42822240511>

CAPÍTULO 12..... 118

DIMENSIÓN EUCLIDIANA EN BIOPELÍCULAS DE *Escherichia coli* CJ-10 BAJO LA ACCIÓN DE EXTRACTOS DE *Annona muricata*

Ángel Eduardo Parra Sánchez

Carlos Juan Sierra Montiel

Adalberto Villegas Godoy

María Parra Boscán

Adriana Valero

Marxel Bastidas Rivero

Laura Antequera Zambrano

Francelys Fernández Materán


María José Alvarado

Carla Lossada González

Anselmo Ledesma

Lenín González Paz

Aleivi Pérez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.42822240512>

CAPÍTULO 13..... 130

COMPRESIÓN DE IMÁGENES MÉDICAS UTILIZANDO MÁSCARAS DE BITS EN LA ZONA DE INTERÉS


Miguel Angel Delgado López

Francisco Javier Luis Juan Barragán

Julio Cesar Chávez Novoa

Luis Edgar Oliva Amézquita

Brandon Daniel Malagón Rodríguez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.42822240513>

CAPÍTULO 14..... 139

EL YOGA EN EL AULA DE ANATOMÍA DE LA FORMACIÓN PROFESIONAL SANITARIA

Montserrat González Arroyo

Zulema Sánchez Bazán


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.42822240514>

CAPÍTULO 15..... 149

DATOS DE ENTRADA PARA CLASIFICACIÓN DE MATERIALES RECICLABLES POR MEDIO DE UNA RED NEURONAL

Luz Jackeline Yanguéz Franco

Diego Antonio Lizondro Gómez



 <https://doi.org/10.22533/at.ed.42822240515>

CAPÍTULO 16..... 157

LA EQUIDAD EN LA EDUCACIÓN Y EN UNA PEDAGOGÍA ACTUALIZANTE

Silvia Verónica Valdivia Yábar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.42822240516>

CAPÍTULO 17	166
PLAN DE ACCIÓN EN GESTIÓN DE COMPETENCIAS GERENCIALES PARA DIRECTORES DE MEDIA GENERAL	
Corina Ramos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.42822240517	
CAPÍTULO 18	177
DETERMINACIÓN DEL TIPO DE SUSTANCIAS PSICOACTIVAS ILÍCITAS CONSUMIDAS POR LOS ESTUDIANTES DE 14 A 18 AÑOS QUE CURSAN ENTRE 9 Y 11 GRADO Y PROMOVER BUENAS PRÁCTICAS PSICOSOCIALES EN INSTITUCIONES EDUCATIVAS URBANAS DE LA CIUDAD DE FLORENCIA. CAQUETÁ	
Fabio Andrés Almario Castañeda	
Mercy Trujillo Charry	
José Javier Achicanoy Miranda	
Martha Janeth González	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.42822240518	
SOBRE OS ORGANIZADORES	188
ÍNDICE REMISSIVO	189

CAPÍTULO 4

LA COMPLEJA CONDICIÓN HUMANA. EXPERIENCIAS EN LA ASIGNATURA ANTROPOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN

Data de aceite: 02/05/2022

Iván Isaac Caldas Figuerola

Universidad Nacional Mayor de San Marcos
(docente)

Magister en Historia, Licenciado en Educación
y bachiller en Antropología. Es docente en
UNMSM, Universidad Cayetano Heredia y
Enrique Guzmán y Valle de las asignaturas
de Historia de la Cultura, Diversidad Cultural,
Antropología de la Educación
ORCID: 0000-0001-6191-9553

RESUMEN: Preguntarse ¿Qué es el ser humano? Es un misterio que duele en el actual momento socio-político que vive nuestro país, pues enfrentamos una situación complicada, a la cual era necesario enfrentar. Algunos de los problemas que nos asaltan son el pensamiento dicotómico, el enfoque binario y patriarcal en la familia, la homofobia, el feminicidio, la corrupción burocrática, una creciente insensibilidad en las interacciones sociales con la respectiva falta de respeto a los derechos, el poco entusiasmo en cumplir con los deberes; es decir, una cultura política de ciudadanía incipiente. Para enfrentar esta problemática desde el campo educacional nos propusimos implementar la formación de futuros maestros de educación primaria, con una base epistemológica que se alimente de estudios interdisciplinarios, en una asignatura denominada Antropología de la educación. En este trabajo queremos compartir y reflexionar sobre las experiencias en aula, de un curso de corte interdisciplinario, que suma los estudios

antropológicos, tanto físicos como culturales, con la pedagogía, analizando la condición humana. Así, enfocamos a un ser humano mucho más completo, analizamos su gran complejidad, su humanización permanente, desde los tiempos del pleistoceno hasta el día de hoy; estudiamos los diferentes factores que influyen en su conformación, la sociedad, los rituales generacionales, el cambio de paradigmas. Cuestionamos el modelo de humano estático, el enfoque dualista que se convierte en dicotómico, resultando un maestro de escuela con interés en la investigación etnográfica, más tolerante a la diversidad cultural, capaz de comprender la fragilidad y el gran potencial que tienen todos los seres humanos.

PALABRAS CLAVE: Antropología de la educación, condición humana, homo educandus, dualismo.

THE COMPLEXE HUMAN CONDITION. EXPERIENCES IN THE COURSE ANTHROPOLOGY OF THE EDUCATION

ABSTRACT: Wonder what the human being? It is a mystery that hurts in actual time socio-political that our country, because we are facing a difficult situation, to which it was necessary to deal with. Some of the problems that assail us are dichotomous thinking, binary and patriarchal approach in family, homophobia, femicide, bureaucratic corruption, a growing insensitivity in social interactions with the respective lack of respect for the rights, the little enthusiasm to comply with duties; another words, a political culture of early citizenship. To address this

problem from the educational field we set out to implement the training of future teachers of primary education, with an epistemological basis which will feed for interdisciplinary studies, in a course called anthropology of the education. In this work it reflects on the experiences of this course in classroom, whose interdisciplinary cutting adds anthropological, both physical and cultural studies, pedagogy, analyzing the human condition. Thus, we focus on a much more complete human being, we studied their great complexity, its permanent humanization, from the time of the Pleistocene until today; We study the different factors that influence in society, its conformation, the change of paradigms, generational rituals. In addition, we question the model of static human, the dualistic approach that is converted into dichotomous, resulting a school teacher with an interest in ethnographic research more tolerant of the cultural diversity, can understand the fragility and the great potential of all human beings.

KEYWORDS: Anthropology of the education, human condition, homo educandus, dualism.

INTRODUCCIÓN

Hemos visto, con mucha preocupación, los hondos problemas sociales de nuestro país. Somos, en algunos casos, testigos mudos de los crímenes de odio y de los feminicidios y, por lo tanto, peligrosamente cómplices. Hemos sido o las víctimas o los tristes familiares de las mujeres y niños, víctimas de violaciones sexuales y de asesinatos. En el diario Gestión apareció una terrible noticia: “Doce mujeres mueren asesinadas a diario en América Latina” (1/07/2018). ¿Por qué somos una sociedad tan machista y homofóbica? Nada más triste para los peruanos del exterior que ver, en las noticias sobre su tierra añorada, escándalos de corrupción; jueces y políticos, deportistas y congresistas, enlodados en la telaraña de los oscuros arreglos bajo la mesa, que inspiran, a veces, comentarios permisivos de algunas autoridades y de la opinión pública y, en otras ocasiones, indignación y rechazo a los actos antidemocráticos. ¿Por qué tanta corrupción? Los informes de IDL-Reporteros son contundentes, miles de vergonzosos audios de gente pública han herido al país en sus entrañas. Pero eso no es todo, en algunos sectores de la población hay una actitud complaciente e indiferente, que termina convirtiéndose en una burda claqué que festeja el atropello de ciertos poderosos contra otros peruanos, que sonríe ante un gesto discriminatorio, que aplaude con una risotada el insulto racista o la burla al discapacitado, al diferente. Es la señal más terrible de lo mal que estamos como sociedad, pues reafirma una desigualdad que excluye a elevados porcentajes de la población.

Los rasgos antropológicos de nuestra sociedad no son nada entusiastas, no complacen al más frívolo. En estos últimos años la sociedad peruana y también en los países latinoamericanos, centroamericanos especialmente, los indicadores de racismo, muestras de exclusión, señales de racismo, actos de homofobia y otras actitudes de desprecio al otro, han indignado y herido la paciencia de la sociedad civilizada, han roto la armonía de vida. Aceptar esto no es ser tolerante, como erradamente se piensa. Dice un filósofo (Giusti, 2015) que hay una relación proporcional entre el respeto a los derechos

en una sociedad y la tolerancia, que la tolerancia implica una situación de igualdad social; funciona entre dos partes en equilibrio de derechos. No es el caso de nosotros, ya que hay todavía, mucha desigualdad, muchos peruanos excluidos. Aceptar un atropello o una injusticia es pasividad, una actitud sumisa, pues la tolerancia significa respetar la cultura, no el abuso. Tolerar es valorar las distintas expresiones filosóficas y artísticas, es aceptar la rica diversidad en la condición humana; tolerar no es dejar que nos insulten o maltraten.

En el campo educativo hace falta impulsar una teoría pedagógica abierta a los derechos, a la filosofía de la tolerancia en igualdad de condiciones, es ubicarse en un enfoque de género. Lamentablemente, en nuestro país en los últimos años se mercantilizó la oferta educacional, con colegios y universidades que buscaban más el lucro, no la formación de niños y adolescentes, se les inculcó el conocimiento memorístico, de respuesta a un examen pre-universitario descuidando la formación en la solidaridad, en la vida democrática.

Aunque se notan grandes avances en las políticas públicas y en la academia en proponer tópicos de igualdad, de enfoque de género, de educación ambiental y otros de un carácter ciudadano y formador de un alto nivel de conciencia en derechos, persiste aún, entre los mismos docentes, políticos y público en general, un imaginario conservador y medroso, de un contenido binario, dicotómico. Incluso, un colectivo llegó a plantear una demanda contra el proyecto ministerial, alegando que no se debe proponer un currículo escolar con una orientación de enfoque de género, que no debería hacerse una educación sexual en los estudiantes de nivel primario y secundario.

Todavía existen, incoherente a los avances científicos, leyes ajenas o blandas a la actitud déspota y comportamientos draconianos contra los afrodescendientes, los homosexuales y las etnias amazónicas. Increíblemente el Congreso peruano desestimó un proyecto de ley que endurecía las penas contra los crímenes de odio, homofobia y feminicidio (Gestión, 2017). No podemos ser pasivos frente a maestros que se enredan en el crimen y que, impávidos, se dejan llevar por las actitudes corruptas de exámenes vendidos y notas traficadas, persistiendo las insolentes prácticas de acoso sexual y tocamientos, hasta violaciones sexuales. Wilfredo Ardito nos dice que en la sociedad peruana los problemas de racismo e inequidad han sido naturalizados o bien hay una tendencia a negar las cosas feas, debido a un extraño mecanismo de defensa y a la falta de empatía con la víctima de una violación de derechos humanos. Agregaríamos que existe un cierto y oculto temor al poderoso y a la represión, lo cual ocurre desde siglos atrás.

En este escenario de fragmentación y jerarquías sociales, muchos colectivos han respondido con marchas, debates y con expresiones en las redes sociales, con gran interés en revertir esta situación. Este ensayo se propone como objetivo discutir la compleja condición humana, analizar las experiencias, en una asignatura renovadora y con un nuevo contenido, las características del ser humano, en su campo biológico, filosófico, social e individual. En su espíritu, la asignatura de la que hablamos, *Antropología de la educación*,

busca convertirse en una alternativa para contrarrestar el momento complicado lleno de obstáculos epistemológicos que señalaba Bachelard (Villamil, 2010), tan comunes en la política peruana y constituir, así, la carga teórica y epistemológica de los docentes y de los estudiantes democráticos. Esta es una experiencia educativa de trasfondo interdisciplinario, concentrada en el debate antropológico de nosotros los peruanos, un despertar académico que enarbola una ciudadanía activa, capaz de polemizar ante los oscuros intereses de los sectores que pretenden conservar las prácticas culturales de contenido pre-moderno y con olor a escolástica.

La asignatura *Antropología de la educación* es un curso que no tiene muchos años de trayectoria, que no está muy ligado al currículo de las universidades. En algunos casos, este curso se orienta a un contenido cuyo eje son los estudios culturales, en otros se inclina por revisar casos de educación rural y sus respectivas particularidades dentro de la cultura andina y amazónica. En esta asignatura que proponemos, netamente interdisciplinaria, los contenidos son plurales, las actividades son abiertas, los objetivos son desarrollar un proceso de reflexión sobre preguntas, realmente estremecedoras: qué es el ser humano, qué entendemos por antropología de la educación y cómo vinculamos la antropología con el trabajo docente, de qué manera podemos ligar los estudios de la condición humana con la labor educativa y los signos de un perfil docente y del egresado de la carrera de educación.

En los años de ejercicio, especialmente, de esta asignatura, han pasado algunas promociones de estudiantes de educación. Hemos interactuado en muchas sesiones, realizado debates sobre la condición humana, han trascurrido muchas horas con lecturas de autores variados, trabajos grupales de reflexión, elaboración de cortos ensayos, exposiciones sobre diferentes temáticas. No faltaron los trabajos de entrevistas a maestros de escuela, sondeos de la percepción de los educadores de Lima Norte, acerca de grandes tópicos, la libertad, la interculturalidad, la juventud y sus anhelos, esto es, un acercamiento de los estudiantes de la Facultad de Educación con la comunidad, con la realidad local y nacional.

UNA ASIGNATURA PARA LA VIDA

Este artículo presenta las experiencias de una asignatura que se postula como respuesta a los problemas observados en la sociedad peruana. Una asignatura de contenido humanista, inspirado en las ciencias, de un enfoque interdisciplinario y con pretensiones de alcance nacional e internacional, que busca ser parte del currículo de los futuros maestros de nuestras escuelas. Válido pues para ser base de políticas sectoriales y de inspiración a nuevas teorías educativas, porque el contenido reflexiona sobre los modelos de seres humanos que la teoría antropológica y la filosofía han teorizado. En una política educativa se encierra, quíerese o no, las diferentes concepciones y modelos de lo que se entiende por

el concepto ser humano, es decir, la condición humana.

El planteamiento eje en este curso es la concepción de un humano complejo, en permanente y dinámica construcción. Es un ser complejo en el sentido de estar construido en una esfera amplia de síntesis e interacción de los aspectos biológicos, culturales, sociales e individuales. Inútil es separar cada una de estas variables, vano es concebir a un humano de una sola dirección, en reducirlo a un solo campo. En contra de la cultura occidental judeo-cristiana, la cultura andina, dice Ansión (1994), no se ve a sí misma ni ve al mundo como una esencia que permanece inamovible, poseen una autopercepción dinámica y, sus integrantes, al emigrar a la capital, recurren a muchas estrategias de adaptación, re-creando así su cultura; se reinventan, ceden y asimilan. Entender la complejidad del sapiens es interiorizar en nuestro ser, es comprender que somos resultado de muchas influencias en la vida, producto incesante de su historia, de su voluntad, de sus desafíos.

Somos moléculas en actividad, salidos de la naturaleza, como las plantas y las estrellas, pero también somos un cúmulo de sentimientos que se desarrollaron en paralelo a los cambios físicos. En nuestro curso, analizamos la condición humana, a partir de sus bases biológicas, analizando los fluidos químicos que circulan por el cuerpo humano: dopamina, oxitocina, bilirrubina y otras más, que inducen a la actividad, al placer, al relajamiento, a la búsqueda de ayuda. El humano puede, en ciertos momentos, estremecerse con el canto de los pajarillos y, en otros, traicionar al amigo o al familiar. Frente a cualquier reto en la vida, ante un accidente o una amenaza, damos respuestas variadas, a veces cargada de pasión, de miedo o de frío razonamiento; en suma, podemos responder con actos inesperados e ilógicos. Sin embargo, siempre, en cada uno de estas circunstancias, en cada vivencia la química de nuestro ser se deja sentir. Una alteración a la baja o alza de esos circuitos, nos convierten en una persona desconocida, nos transforman la fisonomía. El humano desarrolló un nivel admirable de consciencia, pero ésta no es definitiva, ni absoluta, ni permanente; podemos perderla en cuestión de minutos.

Si partimos de la socrática vía, el conocernos a nosotros mismos es fundamental y, mucho más, si nos desempeñamos en el campo educativo. Ingresar en la docencia con esta aseveración, consiste en aprender, enseñando y enseñar, aprendiendo. No se trata de iluminar, ya que el maestro no es un faro, ni está por encima de sus estudiantes, postura jerárquica del patriarcalismo y despotismo que se debe anular; Foucault recomendaba reflexionar e investigar junto con el estudiantado. El maestro debe actuar como un mediador que ayuda a los estudiantes a descubrir sus potencialidades, a construir ejercicios de aprendizaje. Educar es estimular el campo físico y biológico de una persona, es considerar por ello las diferentes formas del fenotipo humano, valorar cada parte de nuestro organismo, piel, estatura, pilosidad, todo; apreciemos, sin jerarquías y sin racismo, la función valiosa de cada milímetro del cuerpo humano, resultado de la evolución en millones de años. Tanto la piel clara como la oscura sirven para acomodar la vida en un hábitat, las cejas, el cabello, la estatura. El cuerpo humano en toda su extensión, como el cuerpo de las demás

especies, es resultado de la evolución y permiten la adaptación en un medio específico y la interconexión entre diferentes organismos. Nada en este planeta está viviendo de forma aislada, todos nos necesitamos, nos debemos atención y respeto; el mar, las plantas, las hormigas, los virus, conviven con los sapiens, interactúan, se temen, pero se necesitan para vivir.

En ese traje de adaptación, los humanos han visto extinguirse a otras especies de humanos. La especie sapiens convivió, muchos miles de años, con los denisovanos y los neandertalensis, todos ellos pugnaron por alimentos, se pelearon y también se amaron. Recorrieron un camino lleno de desafíos y respuestas que no se detiene, alterando su estructura fenotípica (la apariencia exterior) y genotípica (la estructura interna); este proceso aún se manifiesta, tanto en el macrocosmos como en el microcosmos. Es el caso del entramado, que parece repetir la evolución de las especies, presente en el maravilloso proceso de formación del cigoto, dando paso a un embrión hasta el momento del parto. Alteración genética y natural mixtura que lo vemos en el caso de los síndromes (Trichet Collins, Ambras, Down), de la hidrocefalia, combinaciones de cromosomas (existen personas con variedad de cromosomas y combinaciones: xxx, xyy, no solamente xx o xy).

Por esto, las probabilidades de la conformación de los humanos en el aspecto de apariencia física, fuerza, habilidades, orientación sexual, proclividad a enfermedades, es de lo más diverso. Nos corresponde, entonces, valorar las habilidades y el aspecto fisonómico de todo humano, sin discriminaciones, pues aquí no hay malos, ni buenos. Los educandos de nivel inicial y primario necesitan interiorizar estos rasgos que todos y cada uno de sus compañeros presentan, dentro de una visión plural. Una sociedad democrática requiere visualizar las formas tan disímiles que existen en la fisonomía humana: ojos, estatura, color de piel y, además, los tantos síndromes en el organismo. Todo nos demuestra la tremenda complejidad del cuerpo del sapiens, nada perfecto, solo cambiante, pero así, dentro de su humana imperfección, tiene muchas características maravillosas, dedos preparados para atezar, para sujetar y elaborar herramientas, funciones cerebrales de imaginación para crear las poesías más hermosas y las teorías más complicadas; un razonamiento que ayuda a comprender el mundo; un lenguaje que articula la interrelación de seres en búsqueda de un objetivo común. Un cuerpo que, no obstante, con limitaciones de su humana pequeñez, de una especie que se encumbró a pesar de sus debilidades físicas, ha sabido crecer a través de pericias que la soberbia no le permite admitir como importantes: trabajo, el sentido colaborativo, la maravillosa y paradójica socialización.

Nuestra especie aprende en el planeta, también consigo mismo, nace con defectos y destrezas, no es acertado dividirlo entre materia y espíritu. Expresión así de encendida fue la de los idealistas contra los materialistas, las peleas entre creyentes católicos y los creyentes evangélicos, hoy el choque entre civilizaciones; ver así, de forma dualista ha sido uno de los grandes traumas y errores del mismo ser humano. Las consecuencias de este enfoque, resultaron muy lamentables y se pagaron con sangre, pues derivó en un enfoque

dicotómico, llegando luego a la violencia y al genocidio. Guerras en diferentes épocas de la historia de la humanidad, posturas cerradas y actitudes distantes, el ser humano se enredaba en su obstinación. Una educación a temprana edad bajo el enfoque de nuestra asignatura, materia y espíritu (o inteligencia, o conciencia) se complementan, se cooperan.

La milenaria cultura oriental (China e India) se interesó en el humano enfocando los elementos de la condición humana de manera complementaria. La cosmovisión andina enfatizó una visión holística, donde todos los seres y el espacio circundante conformaban parcialidades articuladas, dentro de una situación nada absoluta, no determinante en un solo sentido, sino en una multiplicidad de sentidos. Por otro lado, cierto matiz de la cultura occidental se inclinó por el dualismo, marcando el enfrentamiento, penetrando, peligrosamente, la filosofía con tintes dicotómicos, canalizada al enfrentamiento, el abuso y la discriminación. El dualismo es un enfoque que prioriza una supuesta perfección, pues ve a uno blanco y a otro negro; uno bueno, otro malo, separa aquello que vive en complemento. Hallará a su costado a supuestos anormales, demonios y/o enfermos, por no corresponder a su esquema construido con prejuicios, dentro de su obstinada jerarquización. Esta forma de concebir al ser humano se difundió por el mundo a favor de los políticos déspotas y difundido por los grupos hambrientos de poder, contaminando el pensamiento y las actitudes de mucha gente, derivando en guerras de religión, crímenes de odio y políticas totalitarias.

En otra parte de la asignatura que difundimos, se contempla la forma filosófica de la antropología, es decir, cómo concebimos al ser humano. Su condición es igualmente plural, por ello preferimos entender al sapiens como una síntesis de cuestiones físicas, sociales, psicológicas, económicas, ideológicas, lúdicas. Preferimos enfocar la condición humana de manera dialéctica, según la mereología, esto es, todas las partes intervinientes en la vida humana son un todo interconectado. Preferimos la dialéctica, como Hegel, es decir, tomar en cuenta que muchos elementos entran en juego, todos los mencionados, en una articulación que no tiene un principio, que no tiene una dirección unilineal, sino multilineal, cuyas partes son distintas, opuestas pero complementarias, no pueden separarse, pues perderían el sentido del todo; el empirismo, el espiritualismo, el materialismo, enfocaban y priorizaban, en muchos momentos de su estudio, solo un lado de la moneda. Ese conjunto contradictorio pero lleno de síntesis ha sido olvidado o soslayado en la cultura occidental, convertida en predominante con el auge del homo economicus, deseoso de dinero y lucro; el ser humano así, se alejó del planeta, se creyó el poderoso que cortaba árboles y contaminó los mares con el plástico.

Ha sido el gran error, nos parece, de muchas corrientes filosóficas y de muchos políticos, también de la educación que priorizó al homo sapiens, modelo de humano que solo se llena de conocimientos y termina siendo un memorista. La educación que enalteció al homo faber, también aplicó dualismo; el trabajar con las manos sin desarrollar el intelecto y las artes, constriñe a la persona a una máquina de fabricar mercancías que

alimentan el consumismo. La ausencia de complementariedad en la educación aísla y segmenta la riqueza compleja del humano. Algunas de las dimensiones del ser humano pueden sobreponerse a las otras, en unos casos lo 3emotivo-pasional se impone, en otras el apetito económico-lucrativo inclina la balanza. A veces el humano se deja llevar por la ola social y reproduce los contenidos hegemónicos de su medio, pero en otras la personalidad del individuo se eleva por encima de las duras manías de la colectividad.

El dualismo, entonces, aquel pensamiento unidireccional, monocorde, sesgado, no conlleva a la formación integral de los niños. En un país como el Perú, de intensos rasgos dicotómicos, se discute y se compite en elecciones políticas o se ejecutan proyectos dentro de ese peligroso dualismo, viendo una parte buena y otra mala; se muestran incapaces de notar los múltiples matices, en la vida, en la sociedad, en el cuerpo humano, en la naturaleza y en la sociedad. Nosotros en este curso planteamos la formación de un homo educandus, esto es, un humano en permanente formación, en una educación permanente. Cuestionamos la figura del homo videns, tal como lo hace Gortari, ya que ese ser automatizado se aleja de la interacción frontal; rechazamos la concepción del homo economicus, pues con la búsqueda del lucro se hace egoísta; nos desagrada el homo faber, que surgió con la industrialización y que no se formó en la vida para sí, tan solo para fabricar mercancías, dentro de la carrera lucrativa de los poderosos.

El homo educandus se orienta a entender a nuestra especie y a dirigir su accionar como un continuo proceso en capacitarse, en educarse, teniendo una clara visión en forjar el camino a la solidaridad, el trabajo en conjunto, capaz de reorientar su vida, por difícil y sobrecogedora que sea. Es un humano que se enfrenta a retos y problemas de la vida, de la sociedad, en momentos de crisis, capaz de luchar contra la contaminación ambiental, contra el calentamiento global, un humano que sea innovador, interesado en recrear su propia existencia y a las circunstancias adversas, un titán frente a los retos del mañana; un ser como el viracocha de la mitología andina, que simboliza al reordenamiento y la reconstrucción. Sentir admiración por un dios creador y destructor ha sido generador de conflictos, puesto que esta concepción está muy ligada a la vía dicotómica, al dualismo que hemos mencionado. Este curso antropología de la educación se orienta al modelo de homo educandus, formar a un ser inventor, que hace diégesis, como quería Aristóteles, un ser que crea, inventa, sintetiza elementos distintos; un viracocha que se re-ordena, se re-estructura. Nuestro poeta internacional César Vallejo nos alerta cuando le reclama a Dios que no supo ser hombre¹; hace falta entender la condición humana, ser creativo y comprender a otros humanos, entender sus miedos. La educación en derechos y democracia debiera incidir en que los niños no se avergüencen de ser mortales, seres de carne y hueso, imperfectos, por ello contradictorios y con una gran necesidad de ayudarse, pues la grandeza del humano es caer y levantarse a pesar de las derrotas, con la suficiente valentía de reconocer sus errores y volver a tener sueños dentro de su individualidad, en su localidad, en su nación,

¹ César Vallejo escribió un poema titulado Los Dados eternos, fechado en 1918.

su país y en su planeta, sin aferrarse a los dogmas del nacionalismo, de la guerra entre países lo cual termina siendo fratricida, pues los humanos pertenecen a una especie y por ello son parientes, sean americanos, europeos, africanos, asiáticos.

Dentro de esta concepción dialéctica, proponemos seguir como aporte de la antropología el método etnográfico. Clásico instrumento de investigación dentro de las ciencias sociales, desde los recorridos con los trobriand de Malinowski, con sus recomendaciones que caen de maravillas al magisterio, para realizar una etnografía escolar. Llevar a cabo entrevistas, historias de vida, recoger testimonios, participar en los rituales, y en las fiestas costumbristas, los ritos de pasajes de los pueblos tradicionales, de los urbanos y rurales. Todo eso permite a la docencia escolar, de primaria y secundaria, entrar en contacto con las experiencias y vivencias de las madres y los padres de familia (Minayo, 2010), con los docentes de las zonas indígenas, con los usos de costumbres de los niños y su aprendizaje, según los intereses y la particular interpretación de acuerdo a la cultura de los diferentes grupos étnicos y pueblos de nuestras variadas regiones.

Otro punto a desarrollar es el referido a los paradigmas de la modernidad y de la post- modernidad. Entramos al tema de manera integral, no sesgada, los seres humanos construyen sus aficiones, sus fantasmas, sus paradigmas, por ello la modernidad ensalzó la tecnificación y el positivismo, pero luego esto mostró sus propias limitaciones y surgió su contraparte, el desencanto de los experimentos lleno de racionalidad, de frialdad política, el desencanto en el trabajo docente con impulso cognitivo, lleno de exámenes y tareas atosigantes, buscando un humano sabelotodo, cargado de nombres, fechas, datos, pero demostró su debilidad en los campos afectivos y emocionales. Con la modernidad instrumentalista el humano se corrió al lado insensible, al campo frío, calculador, se acogió a la máquina (la tecnofilia) y descuidó la empatía.

Este paradigma de lo cognitivo en el proceso educativo derivó en seres que vemos hoy en nuestro país, duros de indignarse ante la corrupción y los atropellos a la dignidad humana. Muchos de nuestros niños salen del colegio sin apreciar el arte, sin emociones, no quieren ser afectivos, no buscan la empatía, carecen de grados afectivos con el prójimo. No se auxilian, no se entienden en su complejidad de humanos, se exigen cosas de robots, se condenan como animales de carga. Aquí tenemos un gran problema, la escuela primaria y secundaria, buscó llenarlos de obediencia, entendiendo esto como estudiante silencioso, sumiso, creyendo que es un valor apreciado para la vida. Error, los resultados son perniciosos, en ese escenario o se hacen rebeldes o terminan pasivos, fácil presa de los políticos dictatoriales, se vuelven pieza dócil en un organigrama vertical y patriarcal. El resultado es evidente, bandas que quieren sumar las coimas y se vanaglorian de una acción corrupta, llamada viveza, cuando es más bien, la respuesta de un ser pasivo en medio de la corrupción, una persona sin pensamiento divergente al régimen de opresión.

Antropología de la educación fusiona los estudios antropológicos y culturales con la teoría pedagógica, quiere articular a las generaciones, evitar la ruptura entre padres e

hijos. Busca conectar las prácticas de identidad que conllevan a la integración, como los ritos de pasaje, las fiestas de los familiares, actividades lúdicas, practicando una política de hermanos, no de rivales a muerte. Si entrelazamos la política de derechos, la sociología de la educación, la legalidad de las autoridades, los juegos familiares, la música, el arte, la creatividad de los niños junto a sus maestros, madres y padres, logramos articular la sociedad en proyectos de identidad común, de complementos.

CONCLUSIONES

La antropología de la educación se orienta, de acuerdo a este enfoque, a un trabajo interdisciplinario. Conectamos diferentes campos del conocimiento, las ciencias sociales con las ciencias naturales, la antropología con la teoría pedagógica, la sociología, la política, la educación, la biología y la filosofía.

La compleja condición humana alude al mundo de múltiples elementos que conforman la variedad de la humanidad. El ser humano es contradictorio, educable, frágil y necesita el trabajo colaborativo para desarrollar conciencia de sus debilidades y fortalezas.

Un maestro o maestra de escuela, con esta concepción de la condición humana, se orienta a una educación integral, dinámica y compleja en el trabajo escolar, ya que se inclina a concebir al ser humano como un ser en proceso, formado por su pasado, su presente y con capacidad para diseñar su futuro.

Los maestros de escuela, dentro de su formación académica, re-evalúan sus propias convicciones y su pensamiento para cuestionar aquellos elementos prejuiciosos, esos rasgos de conservadurismo negativo que inciden en mantener el racismo, la misoginia y otras taras.

Con la etnografía y la investigación cualitativa la política educativa sienta las bases de un mejor rendimiento y re-creativo en el magisterio, se inclina al entrenamiento de un magisterio en la investigación social y educacional. Se identifican, así, los graves problemas y nuevos desafíos que se enfrentan en el campo educativo.

REFERENCIAS

Ardito, W. (2011). Racismo y Discriminación. En Perú ante los desafíos del siglo XXI.: Luis Pásara (Ed). Lima, PUCP, pp. 75-108.

Gestión. (2018/01/07). Recuperado de <https://gestion.pe/mundo/morir-hecho-mujer-america-latina-237092>

IDL Reporteros. (01/07/2018). Recuperado de <https://idl-reporteros.pe/corte-y-corrupcion/>

Giusti, M. (2015). Entrevista. Recuperado de <https://redaccion.lamula.pe/2015/07/22/miguel-giusti-mientras-mas-intolerantes-somos-menos-derechos-se-reconocen/rlescanomendez/>

Minayo, MCS. (2010). Los Conceptos estructurantes de la investigación cualitativa. En Salud Colectiva, 6(3), pp.251-261.

Vallejo, César. (1918). Los Heraldos Negros, poemario. Recuperado de https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/los-heraldos-negros-989444/html/eae63b2d-6488-4127-86d9-2afe24d245a4_2.html

Villamil, L.E. (2010). La noción de obstáculo epistemológico en Gastón Bachelard. Espéculo, Revista de estudios literarios. Madrid, UCM.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 74
Alimentación infantil 61, 63, 66, 67
Alunos 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59
Ámbito escolar 61, 78, 181
Ámbito familiar 185
Antisemitismo 24, 25, 26, 27, 29
Antropología 38, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 61, 71
Autismo 93

B

Blended learning 49, 50, 51, 54, 58, 59, 60
Brasil 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 26, 49, 54, 58, 188

C

Ciencias 31, 41, 46, 47, 89, 90, 111, 112, 118, 119, 138, 157, 158, 160, 178
Colaboración 92, 145

D

Datos 26, 46, 75, 82, 86, 88, 94, 123, 130, 131, 138, 140, 149, 151, 152, 153, 154, 166, 170, 171, 180, 182, 183, 184
Datos de entrada 149, 151, 153
Deficiência 73
Democracia 31, 32, 34, 35, 36, 45
Dimensión euclidiana 118, 119, 120, 123, 126, 127
Diversidade 16

E

Educação básica 49, 50, 51, 57, 58, 59
Educação inclusiva 74
Escherichia coli CJ-10 111, 112, 114, 118, 120, 123, 124

H

Habilidades cognitivas 56, 57, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 99, 101

I

Imágenes médicas 130, 131, 135, 137, 138
Imigrantes 3, 10, 16, 22
Inclusión 74, 75, 78, 79, 139, 161, 164, 185
Interiorização 1, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 20
Islamofobia 24, 25, 27, 28, 29, 30

M

Máscaras de bits 130
México 26, 58, 59, 61, 70, 71, 72, 80, 81, 89, 101, 102, 103, 104, 176
Migrantes 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22
Muricata 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129

O

Operação acolhida 1, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 22

P

Participación social 73, 75
Política 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 16, 18, 27, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 41, 46, 47, 61, 62, 64, 71
Processo e estratégias de adoção institucional 49
Profesional sanitaria 139, 147
Professores 49, 51, 53, 54, 56, 57

R

Red 34, 35, 59, 62, 63, 64, 65, 71, 81, 88, 131, 149, 150, 151, 152, 153, 156
Red neuronal 149, 150, 151, 152, 153, 156
Refugiados 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 17, 18, 19, 21, 22, 23

S

Siglo XXI 24, 26, 47, 174
Sur Americano 24

T

TICs 89, 90

U

Unesco 104, 110

V

Vaccinium 111, 112, 114, 117

Venezuelanos 1, 3, 6, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 22

Vida activa 31

Y

Yoga 139, 140, 141, 142, 143, 145, 147, 148

Z

Zona de interés 130, 131, 134, 135

CIENCIAS HUMANAS:

POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2



CIENCIAS HUMANAS:

POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2

